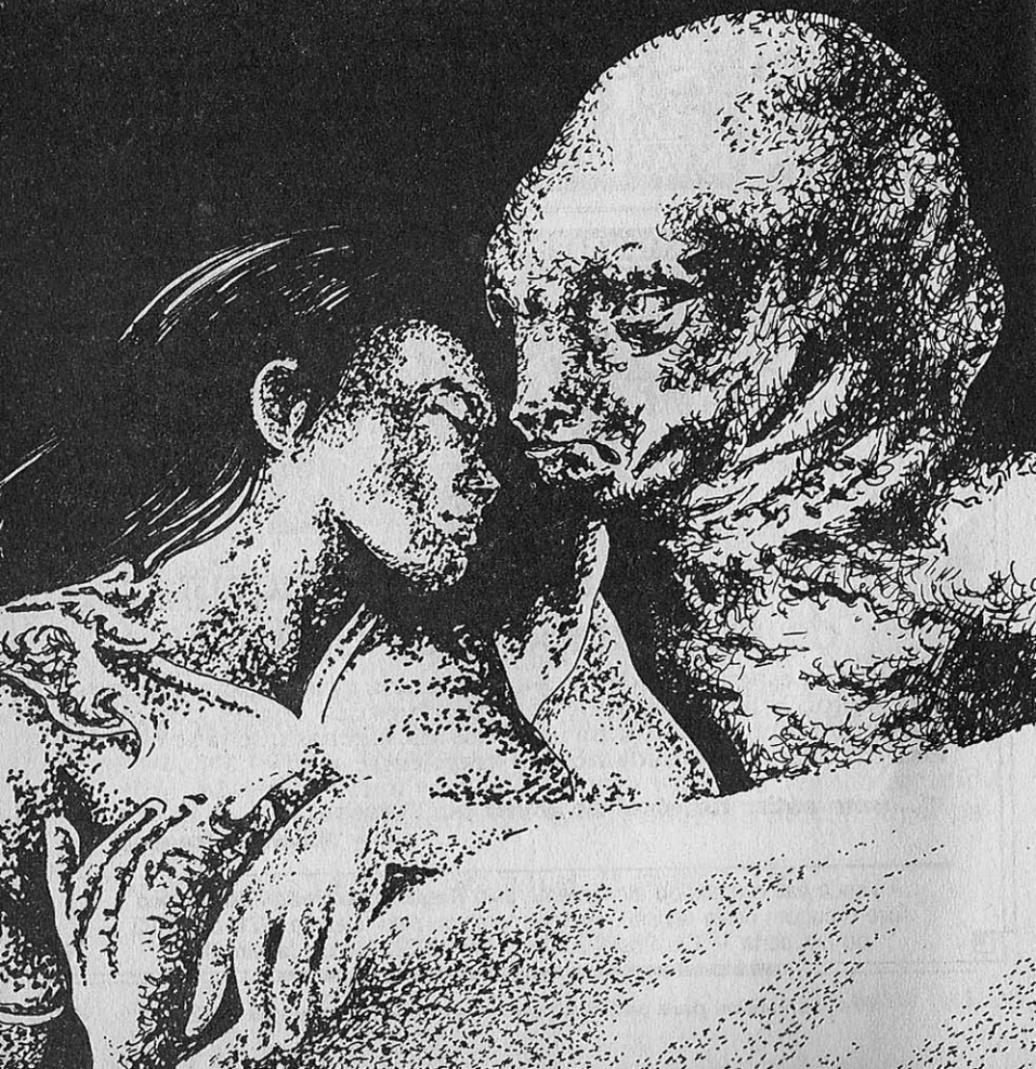


OS HOSPEDEIROS

Octavia E. Butler

Tradução de Ronaldo Sergio de Biasi

Esta história, a segunda de Octavia Butler a ser publicada na nossa revista (a primeira, "O Dom da Palavra", apareceu na IAM n.º 16), ganhou os prêmios Hugo e Nebula na categoria noveleta.



Minha última noite de infância começou com uma visita a minha casa. As irmãs de T'Gatoi tinham nos dado dois ovos estéreis. T'Gatoi deu um a minha mãe, irmão e irmãs. Ela insistiu para que eu comesse o outro sozinho. Não tinha importância. Havia ainda o suficiente para deixar todo mundo se sentindo bem. Quase todo mundo. Minha mãe não quis comer. Ficou sentada, vendo todo mundo sonhar sem ela. A maior parte do tempo, estava olhando para mim.

Fiquei encostado na barriga macia de T'Gatoi, chupando o meu ovo de vez em quando e pensando nas razões que minha mãe teria para se negar aquele prazer inofensivo. Estaria com o cabelo menos grisalho se de vez em quando se divertisse um pouco. Os ovos prolongavam a vida, prolongavam o vigor. Meu pai, que nunca recusara um em toda a sua vida, vivera mais do que o dobro do tempo normal. No final da vida, quando devia estar velho e cansado, casara-se com minha mãe e tivera quatro filhos.

Entretanto, minha mãe parecia satisfeita em envelhecer prematuramente. Vi que ela olhou para o outro lado quando vários dos membros de T'Gatoi me puxaram para mais perto. T'Gatoi gostava do nosso calor corporal, e tirava vantagem dele sempre que podia. Quando eu era pequeno e passava mais tempo em casa, minha mãe tentava me ensinar a maneira certa de lidar com T'Gatoi. Dizia que eu devia ser sempre respeitoso e obediente, porque T'Gatoi era a funcionária do governo dos tlic encarregada da Reserva, e portanto o membro mais importante da sua raça a lidar diretamente com os terráqueos. Era uma honra, disse minha mãe, que uma pessoa assim tivesse decidido entrar para a nossa família. Minha mãe costumava falar de uma maneira muito séria e formal quando estava mentindo.

Eu não fazia idéia de por que ela estava mentindo, ou mesmo a respeito de que estava mentindo. Era mesmo uma honra ter T'Gatoi na família, mas isso não podia ser considerado uma novidade. T'Gatoi e minha mãe eram amigas de longa data, e T'Gatoi não estava interessada em ser homenageada na casa que considerava como seu segundo lar. Ela simplesmente entrou, sentou-se em um dos sofás especiais e me chamou para mantê-la aquecida. Era impossível ser formal com ela enquanto eu estava encostado na sua barriga e a ouvia queixar-se como de costume de que eu era magro demais.

— Você está melhor — disse-me ela desta vez, apalpando-me com seis ou sete dos seus membros. — Está ganhando peso finalmente. A magreza é perigosa. — Seus movimentos mudaram sutilmente, tornaram-se uma série de cadeias.

— Ele ainda está magro demais — disse minha mãe de repente.

T'Gatoi levantou a cabeça e talvez um metro do corpo para fora do sofá, como se estivesse se sentando. Olhou para minha mãe, e minha mãe desviou os olhos, com ar cansado.

— Lien, gostaria que comesse o que sobrou do ovo de Gan.

— Os ovos são para as crianças — disse minha mãe.

— Eles são para a família. Coma-o, por favor.

Obedecendo a contragosto, minha mãe tirou-o de mim e colocou-o na boca. Restavam apenas poucas gotas na casca elástica, agora murcha, mas ela as espremeu, engoliu-as, e em pouco tempo algumas das rugas de tensão começaram a desaparecer do seu rosto.

— É bom — suspirou. — Às vezes me esqueço de como é bom.

— Devia comer mais — disse T'Gatoi. — Por que está com tanta pressa de envelhecer?

Minha mãe não respondeu.

— Gosto de poder vir aqui — disse T'Gatoi. — Este lugar é um refúgio por causa de você, mas você não se cuida.

T'Gatoi estava dividida. Seu povo queria que mais de nós estivessem disponíveis. Só que ela e sua facção política se colocavam entre nós e as hordas que não compreendiam por que havia uma Reserva — por que não era possível requisitar, contratar, recrutar qualquer terráqueo. Ou compreendiam, mas, no seu desespero, não se importavam. Ela nos distribuía para os desesperados e nos vendia para os ricos e poderosos, em troca de apoio político. Assim, éramos necessidades, símbolos de status e uma raça independente. Ela supervisionava a formação das famílias, pondo um fim aos últimos vestígios do antigo sistema de separar as famílias para satisfazer aos tlics impacientes. Eu vivera com ela no mundo exterior. Tinha visto a sofreguidão com que algumas pessoas olhavam para mim. Era um pouco assustador saber que apenas ela se interpunha entre nós e o desespero que facilmente poderia nos tragar. Minha mãe às vezes olhava para ela e me dizia: “Tome conta dela.” E eu me lembrava de que ela também estivera no exterior, sabia como era.

T'Gatoi usou quatro dos seus membros para me afastar dela.

— Vá, Gan — disse. — Sente-se ali com suas irmãs e aproveite o prazer de não estar sóbrio. Você comeu a maior parte do ovo. Lien, venha me aquecer.

Minha mãe hesitou, por alguma razão. Uma das minhas memórias mais antigas é a de minha mãe deitada ao lado de T'Gatoi, conversando a respeito de coisas que eu era incapaz de compreender, levantando-me do chão e começando a rir enquanto me colocava sentado em um dos segmentos de

T'Gatoi. Naquela época, ela comia sua cota dos ovos. Imaginei quando teria parado, e por quê.

Ela se deitou ao lado de T'Gatoi, e todos os membros do lado esquerdo de T'Gatoi a envolveram, segurando-a frouxamente, mas de forma segura. Eu sempre achara confortável ficar deitado daquela forma, mas, com exceção de minha irmã mais velha, ninguém na família apreciava aquilo. Diziam que se sentiam prisioneiros.

T'Gatoi estava mesmo a fim de aprisionar minha mãe. Depois do que fez, moveu ligeiramente a cauda e disse:

— Você quase não comeu do ovo, Lien. Está precisando dele agora.

A cauda de T'Gatoi se moveu mais uma vez, tão rápido que eu não teria percebido se não estivesse prestando atenção. Sua picada fez brotar apenas uma gota de sangue da perna da minha mãe.

Minha mãe deu um grito — provavelmente de surpresa. As picadas dos tlics não doem. Depois, suspirou e pude ver seu corpo relaxar. Ajeitou-se languidamente em uma posição mais confortável, ainda aninhada nos membros de T'Gatoi.

— Por que fez isso? — perguntou, com voz sonolenta.

— Não agüentei mais ver você sofrer.

Minha mãe deu de ombros.

— Amanhã — disse.

— Isso mesmo. Amanhã você vai sofrer de novo — se for preciso. Por hoje, porém, só por hoje, fique aqui deitada, me aqueça e me deixe aliviar a sua dor.

— Ele ainda é meu, você sabe — disse minha mãe, de repente. — Nada poderá comprá-lo de mim. — Sóbria, jamais teria abordado o assunto.

— Nada — concordou T'Gatoi, tentando ser gentil.

— Acha que o venderia em troca de ovos? Em troca de uma longa vida? Meu próprio filho?

— Claro que não — disse T'Gatoi, acariciando os ombros da minha mãe, brincando com seus cabelos longos e grisalhos.

Eu gostaria de ter tocado minha mãe, compartilhado aquele momento com ela. Ela tomaria minha mão se eu a tocasse. Liberada pelo ovo e pela picada, sorriria para mim e talvez dissesse coisas que vinha guardando havia muito tempo. Amanhã, porém, se lembraria de tudo aquilo como uma humilhação. Era melhor eu ficar quieto, sabendo que ela me amava acima do dever, do orgulho e da dor.

— Xuan Hoa, tire os sapatos dela — pediu T'Gatoi, — Daqui a pouco

vou picá-la de novo e ela poderá dormir.

Minha irmã mais velha obedeceu, cambaleando um pouco quando se levantou. Quando terminou, sentou-se ao meu lado e segurou-me a mão. Sempre fomos muito unidos.

Minha mãe encostou a nuca na barriga de T'Gatoi e tentou, daquele ângulo impossível, olhar para o rosto largo, arredondado.

— Vai me picar de novo?

— Vou, Lien.

— Vou dormir até amanhã ao meio-dia.

— Ótimo. Está precisando. Quando foi que dormiu pela última vez?

Minha mãe fez ura muxoxo.

— Devia ter pisado em você quando você era pequena — murmurou.

Era uma velha piada das duas. Tinham crescido juntas, embora T'Gatoi, no seu período de convivência com minha mãe, nunca tivesse sido suficientemente pequena para ser pisada. No momento, tinha quase três vezes a idade da minha mãe, mas ainda seria jovem quando minha mãe morresse de velhice. Entretanto, quando as duas se conheceram, T'Gatoi estava entrando em um período de crescimento rápido — uma espécie de adolescência dos tlics. Minha mãe era apenas uma criança, mas durante algum tempo elas se desenvolveram no mesmo ritmo e se tornaram grandes amigas.

T'Gatoi tinha até apresentado minha mãe ao homem que viria a ser meu pai. Meus pais, satisfeitos um com o outro, apesar da grande diferença de idade, se casaram na mesma época em que T'Gatoi entrou para o negócio da família: política. Ela e minha mãe se viam cada vez com menos frequência. Mesmo assim, antes do nascimento de minha irmã mais velha, minha mãe prometeu a T'Gatoi um dos seus filhos. Ela teria mesmo que dar um de nós, e preferia que fosse a T'Gatoi do que a um estranho.

Os anos se passaram. T'Gatoi viajou e aumentou sua influência. Na época em que voltou a ver minha mãe, para receber o que julgava ser uma recompensa justa por seu trabalho, a Reserva era sua. Minha irmã mais velha gostou dela de imediato e queria ser a escolhida, mas eu estava para nascer e T'Gatoi gostou da idéia de escolher uma criança e participar de todas as fases do seu desenvolvimento. Pelo que me contaram, fui abraçada pela primeira vez pelos muitos membros de T'Gatoi apenas três minutos depois de nascer. Alguns dias depois, recebi meu primeiro ovo para provar. Conto isso aos terráqueos quando me perguntam se já senti medo dela. E conto para os tlics quando T'Gatoi lhes oferece uma criança pequena e eles, ansiosos e ignorantes, exigem um adolescente. Mesmo meu irmão, que por alguma ra-

zão sempre temeu os tlics e jamais confiou neles, provavelmente se adaptaria muito bem se tivesse sido adotado quando pequeno. Às vezes penso que teria sido melhor para ele. Olhei para ele, estendido no chão do outro lado da sala, de olhos abertos, mas sem nada ver, enquanto sonhava o sonho induzido pelo ovo. Apesar do que sentia pelos tlics, fazia questão da sua cota do ovo.

— Lien, você pode se levantar? — perguntou T’Gatoi, de repente.

— Para quê? Pensei que eu ia dormir.

— Depois. Está acontecendo alguma coisa lá fora — disse T’Gatoi, recolhendo seus membros.

— O quê?

— Levante-se, Lien!

Minha mãe reconheceu o tom e levantou-se bem a tempo de evitar que T’Gatoi a jogasse no chão. T’Gatoi removeu seu corpo de três metros do sofá, dirigiu-se para a porta e saiu a toda velocidade. T’Gatoi tinha ossos: costelas, uma longa espinha, um crânio, dois ossos por membro. Entretanto, quando se movia daquela forma, contorcendo-se, jogando-se para a frente em uma queda controlada, pousando no chão já em movimento, parecia não só invertebrada, mas aquática — como se estivesse nadando no ar. Adorava vê-la em movimento.

Deixei minha irmã e fui atrás dela, embora não me sentisse muito firme das pernas. Teria sido melhor sentar-me e sonhar, melhor ainda encontrar uma garota e compartilhar um sonho acordado com ela. Na época em que os tlics nos consideravam pouco mais do que grandes animais de sangue quente, costumavam colocar muitos de nós na mesma gaiola, homens e mulheres, e nos dar ovos para comer. Dessa forma, asseguravam uma nova geração, estivessemos ou não dispostos a procriar. Nossa sorte foi que essa prática não durou muito. Em algumas gerações, nós seríamos pouco mais do que grandes animais de sangue quente.

— Mantenha a porta aberta, Gan — disse T’Gatoi. — E diga à família para ficar onde está.

— Quem é? — perguntei.

— Um n’tlic.

Encolhi-me contra a porta.

— Aqui? Sozinho?

— Devia estar tentando chegar a uma caixa de comunicação. Carregou o homem para dentro, inconsciente, dobrado como um casaco por cima de alguns dos seus membros. Parecia jovem — da idade do meu irmão, talvez — e era muito magro. O que T’Gatoi chamaria de perigosamente magro.

— Gan, vá até a caixa de comunicação — disse ela. Colocou o homem no chão e começou a despi-lo.

Eu fiquei onde estava.

Depois de um momento, ela levantou os olhos. Sua súbita imobilidade era sinal de profunda impaciência.

— Mande Qui — disse eu. — Prefiro ficar. Talvez possa ajudar em alguma coisa.

Ela continuou o que estava fazendo, levantando o homem e tirando a camisa dele pela cabeça.

— É melhor você não ver isso — disse. — Vai ser desagradável. Não posso ajudar este homem da forma que o seu tlic poderia.

— Eu sei. Mesmo assim, mande Qui. Ele não vai servir para nada aqui. Pelo menos, estou disposto a tentar.

Ela olhou para o meu irmão — mais velho, maior, mais forte, certamente mais capaz de ajudá-la. Estava se sentando agora, apoiando-se na parede, olhando para o homem no chão com medo e repulsa indistigáveis. Mesmo ela podia perceber que seria inútil contar com a ajuda de Qui.

— Vá, Qui! — ordenou,

Ele não discutiu. Levantou-se, cambaleou ligeiramente e depois firmou o corpo. O susto o ajudara a ficar sóbrio.

— O nome deste homem é Bram Lomas — disse T’Gatoi para ele, lendo na faixa que o homem tinha no braço. Apalpei a faixa no meu braço, em solidariedade. — Ele precisa de T’Khotgif Teh. Está ouvindo?

— Bram Lomas, T’Khotgif Teh — repetiu meu irmão. — Estou indo. — Contornou o corpo de Lomas e saiu da casa.

Lomas começou a recuperar a consciência. A princípio, limitou-se a gemer e agarrar espasmodicamente um par de membros de T’Gatoi. Minha irmã mais moça, acordando afinal do sonho induzido pelo ovo, aproximou-se para observá-lo, mas minha mãe a puxou para trás,

T’Gatoi removeu os sapatos do homem e depois as suas calças, deixando o tempo todo que ele segurasse dois dos seus membros. Com exceção dos últimos da parte traseira, todos os seus membros eram igualmente destros.

— Não quero ouvir protestos desta vez, Gan — avisou ela.

Retesei-me.

— Que quer que eu faça?

— Saia e mate um animal que tenha pelo menos metade do seu tamanho.

— Matar? Mas eu nunca...

Ela me deu um empurrão tão forte que caí no chão. Sua cauda era uma arma eficiente, mesmo quando o ferrão não estava exposto.

Levantei-me, sentindo-me estúpido por haver ignorado sua advertência, e fui para a cozinha. Talvez pudesse matar alguma coisa com uma faca ou um machado. Minha mãe criava alguns animais terráqueos para comer e alguns milhares de animais locais para aproveitar a pele. T'Gatoi provavelmente iria preferir um animal local. Um ahti, talvez. Alguns deles eram do tamanho certo, embora tivessem três vezes mais dentes do que eu e adorassem usá-los. Minha mãe, Hoa, e Qui podiam matá-los com facas. Eu nunca matara um; na verdade, nunca matara um animal. Passara a maior parte da minha vida com T'Gatoi, enquanto meu irmão e minhas irmãs aprendiam os negócios da família. T'Gatoi tinha razão: eu devia ter saído para procurar uma caixa de comunicação. Isso, pelo menos, era uma coisa que eu sabia fazer.

Fui até o armário do canto, onde minha mãe guardava as ferramentas maiores. No fundo do armário havia um cano por onde passava a água servida da cozinha — só que ele não funcionava mais. Meu pai mudara os encanamentos da cozinha antes mesmo que eu nascesse. Agora, o cano podia ser deslocado para o lado, criando espaço para um rifle. Aquela não era a nossa única arma de fogo, mas era a mais acessível. Eu teria de usá-lo para matar um dos maiores ahtis. Depois, T'Gatoi provavelmente o confiscaria. Armas de fogo não eram permitidas na Reserva. Houvera alguns incidentes logo depois da criação da reserva — terráqueos atirando em tlics, atirando em n'tlics. Isso aconteceu antes de começarem a reunir as famílias, antes de todos terem um interesse pessoal em manter a paz. Fazia muitos anos que ninguém atirava em um tlic, mas a lei jamais fora revogada. Era para o nosso próprio bem, explicavam. Havia histórias de famílias inteiras de terráqueos que tinham sido assassinadas como represália naquele período turbulento.

Fui até as gaiolas e matei o maior ahti que encontrei. Era um macho reprodutor, muito vistoso, e minha mãe não iria ficar nada satisfeita. Mas era do tamanho certo, e eu estava com pressa.

Coloquei o corpo quente do ahti no ombro — agradecido pelo fato de que parte do peso que ganhara ter sido em forma de músculos — e o levei para a cozinha. Ali, coloquei o rifle de volta no esconderijo. Se T'Gatoi notasse os ferimentos do ahti e pedisse a arma, eu estava disposto a entregá-la. Se isso não acontecesse, melhor deixá-la onde meu pai a guardara.

Voltei-me para levar o ahti para a sala, mas hesitei. Durante alguns segundos, fiquei em frente à porta fechada, tentando descobrir por que ficara com medo de repente. Sabia o que estava para acontecer. Nunca assistira

pessoalmente, mas T’Gatoi me mostrara alguns diagramas e desenhos. Ela fizera questão de me contar a verdade assim que tive idade suficiente para compreender.

Mesmo assim, eu não queria entrar naquela sala. Ganhei um pouco de tempo escolhendo uma faca na caixa de madeira em que minha mãe a guardava. T’Gatoi poderia precisar de uma, disse a mim mesmo, para cortar o couro grosso e peludo do achi.

— Gan! — chamou T’Gatoi, com impaciência.

Engoli em seco. Nunca imaginara que um simples movimento dos pés pudesse ser tão difícil. Percebi que estava tremendo e isso me deixou envergonhado. A vergonha me fez abrir a porta.

Coloquei o achi no chão, perto de T’Gatoi, e vi que Lomas perdera de novo os sentidos. Ela, Lomas e eu estávamos sozinhos na sala; provavelmente, T’Gatoi mandara embora minha mãe e minhas irmãs, para que não presenciassem o que estava para acontecer. Senti inveja delas.

Entretanto, quando T’Gatoi pegou o achi, minha mãe entrou de novo na sala. Ignorando a faca que eu lhe oferecia, T’Gatoi estendeu as unhas de vários dos seus membros e abriu o achi da garganta até o ânus. Fixou em mim os seus olhos amarelos.

— Segure este homem pelos ombros, Gan.

Olhei para Lomas, assustado, percebendo que eu não queria nem tocá-lo, quanto mais segurá-lo. Aquilo não seria como atirar em um animal. Não seria tão rápido, nem tão fácil, nem, esperava eu, tão definitivo, mas não havia nada que eu quisesse menos do que participar daquela operação.

Minha mãe se adiantou.

— Gan, segure-o do lado direito — disse ela. — Eu seguro do lado esquerdo. — Se ele voltasse a si, a derrubaria sem sentir. Ela era uma mulher pequena e frágil. Comentava sempre em voz alta que não sabia como gerara crianças tão “grandes”.

— Deixe comigo — disse a ela, segurando o homem pelos ombros. — Posso fazer sozinho.

Ela parecia indecisa.

— Não se preocupe — disse eu. — Não vou envergonhá-la. Não precisa ficar.

Minha mãe olhou para mim, hesitou e depois tocou o meu rosto, em uma rara carícia. Finalmente, foi para o seu quarto. T’Gatoi baixou a cabeça, aliviada.

— Obrigada, Gan — disse, com uma cortesia mais típica dos terraque-

os do que dos tlics. — Ela... ela está sempre arranjando novas formas de eu fazê-la sofrer.

Lomas começou a gemer e a emitir sons abafados. Eu tinha esperanças de que ele continuasse inconsciente. T'Gatoi aproximou o rosto do dele.

— Piquei você o máximo que achei prudente fazer — disse para Lomas. — Quando isto terminar, vou picá-lo até que você durma e não sentirá mais dor.

— Por favor — pediu o homem. — Espere...

— Não temos mais tempo, Bram. Vou picá-lo assim que tudo terminar. Quando TKhotgif chegar, ela lhe dará ovos que ajudarão a curá-lo. Isto não vai demorar.

— TKhotgif! — gritou o homem, debatendo-se nos meus braços.

— Calma, Bram. — T'Gatoi olhou rapidamente para mim e depois colocou a mão sobre o abdome de Lomas, um pouco para a direita, logo abaixo da última costela. Havia um movimento do lado direito — pulsações aparentemente aleatórias, que faziam mover a sua carne marrom, criando uma concavidade aqui, uma convexidade ali, vezes sem conta, até que comecei a distinguir um ritmo e a adivinhar onde seria o próximo pulso.

O corpo inteiro de Lomas se enrijeceu sob a mão de T'Gatoi, embora ela simplesmente a tivesse pousado sobre seu corpo enquanto enrolava a parte inferior do corpo em torno de suas pernas. Ele talvez pudesse escapar das minhas mãos, mas não escaparia do abraço dela. Começou a chorar quando T'Gatoi usou as calças para amarrar-lhe as mãos e depois colocou as mãos de Lomas acima da cabeça, para que eu pudesse ajoelhar-me no pano entre elas e segurá-las no lugar. Enrolou a camisa para cima e ofereceu-a para que Lomas a mordesse.

Em seguida, abriu-o.

No primeiro corte, o corpo de Lomas foi tomado por convulsões. Ele quase conseguiu soltar as mãos. Os gritos que deu... nunca ouvira sons semelhantes saindo da boca de um ser humano. T'Gatoi não lhe deu atenção; aumentou e aprofundou o corte, parando de vez em quando para lamber o sangue. Os vasos sangüíneos se contraíram, reagindo com os produtos químicos da saliva de T'Gatoi, e o sangramento diminuiu.

Eu me sentia como se estivesse ajudando-a a torturá-lo, ajudando-a a consumi-lo. Sabia que estava para vomitar, não compreendia como ainda não o fizera. Não conseguiria agüentar até o final.

Ela encontrou a primeira larva. Era gorda e estava vermelha de sangue — tanto do lado de dentro como do lado de fora. Já comera o ovo de

onde saíra, mas aparentemente ainda não começara a comer o hospedeiro. Naquele estágio, comeria qualquer carne, exceto a da mãe. Se deixada em paz, teria continuado a eliminar os venenos que haviam alertado Lomas. Um dia, começaria a comer. Quando finalmente abrisse um caminho para sair do corpo de Lomas, ele estaria morto ou moribundo — e incapaz de defender-se da coisa que o estava matando. Havia sempre um período de graça entre a ocasião em que o hospedeiro ficava doente e a ocasião em que as larvas começavam a comê-lo.

T’Gatoi pegou com cuidado a larva, que se contorcia, e examinou-a, ignorando os gemidos do homem.

De repente, ele perdeu os sentidos,

— Ótimo — observou T’Gatoi, olhando para ele. — Gostaria que vocês terráqueos pudessem fazer isso quando quisessem, — Ela não sentia nada. E a coisa que estava segurando...

Naquele estágio, não tinha membros nem ossos. Tinha uns quinze centímetros de comprimento por dois de largura, era cega e estava coberta de sangue. Parecia-se com uma grande minhoca. T’Gatoi colocou-a sobre a barriga do ahti e ela logo começou a cavar um túnel. Ficaria ali e comeria enquanto houvesse o que comer.

Apalpando a carne de Lomas, ela encontrou mais duas, uma delas menor e mais vigorosa.

— Um macho! — exclamou, alegre.

Ele morreria antes de mim. Sofreria sua metamorfose e começaria a copular com qualquer coisa que se mexesse antes mesmo que as irmãs tivessem membros. Foi o único a fazer uma tentativa séria para morder T’Gatoi quando ela o colocou no ahti.

Minhocas mais pálidas tornaram-se visíveis na carne de Lomas. Fechei os olhos. Era pior do que encontrar um animal morto, apodrecendo e cheio de pequenas larvas, E muito pior do que qualquer desenho ou diagrama.

— Ah, aqui estão mais algumas — disse T’Gatoi, puxando duas larvas compridas. — Talvez você tenha de matar outro animal, Gan. Vocês terráqueos são muito férteis.

Toda a minha vida me haviam ensinado que aquilo era uma coisa boa e necessária que os tlics e os terráqueos faziam juntos — uma espécie de nascimento. Acreditara nisso até agora. Sabia que os nascimentos eram sempre dolorosos e sangrentos. Mas aquilo era algo diferente, muito pior. E eu não estava preparado para ver. Talvez nunca estivesse. Mesmo assim, não podia deixar de ver. Fechar os olhos não adiantava nada.

T'Gatoi encontrou uma larva que ainda estava comendo a casca do seu ovo, Os restos da casca ainda estavam presos a um vaso sanguíneo, através de um pequeno tubo. Era assim que as larvas se ancoravam ao hospedeiro, era assim que se mantinham vivas. Alimentavam-se apenas de sangue até estarem prontas para sair do ovo. Aí, comiam as cascas flexíveis dos ovos. Depois, começavam a comer o hospedeiro.

T'Gatoi comeu o resto da casca e lambeu o sangue. Será que apreciava o gosto? Às vezes, os hábitos da infância duram a vida toda.

O processo inteiro me parecia errado, alienígena. Não pensava que alguma coisa em T'Gatoi pudesse me parecer assim.

— Mais um, penso eu — disse T'Gatoi. — Dois, talvez, Uma boa família. Nos hospedeiros disponíveis hoje em dia, a gente fica satisfeito quando encontra um ou dois vivos, — Olhou para mim. — Vá lá fora, Gan, e esvazie o estômago. Vá agora, enquanto o homem está inconsciente,

Cambaleei para fora. Chegando à árvore que ficava perto da porta da frente, vomitei até não restar mais nada. Afinal, fiquei ali parado, tremendo, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Não sabia por que estava chorando, mas não podia parar. Afastei-me da casa para não ser visto. Cada vez que fechava os olhos, via minhocas vermelhas rastejando em uma carne humana ainda mais vermelha.

Um carro se aproximou da casa. Como os terráqueos eram proibidos de usar veículos motorizados, a não ser certos implementos agrícolas, eu sabia que aquele devia ser o tlic de Lomas, acompanhado por Qui e talvez um médico terráqueo. Enxuguei o rosto na manga da camisa e tentei me controlar.

— Gan — disse Qui, assim que o carro parou, — Que aconteceu? — Esgueirou-se para fora do carro baixo, arredondado, construído para a anatomia dos tlics. Outro terráqueo saiu pela outra porta e entrou na casa sem falar comigo, O médico. Com sua ajuda e uns poucos ovos, Lomas tinha alguma chance de sobreviver,

— TKhotgif Teh? — perguntei,

A motorista tlic saltou do carro. Era mais clara e menor do que T'Gatoi — provavelmente nascera no corpo de um animal, Os tlics nascidos nos corpos dos terráqueos eram sempre maiores, e mais numerosos.

— Eles são seis — expliquei, — Talvez sete, todos vivos, Pelo menos um é macho,

— Lomas? — perguntou ela, aflita.

Gostei da pergunta pelo tom com que fora feita. A última coisa coerente que Lomas dissera fora o nome dela.

— Está vivo — respondi.

Entrou correndo na casa sem dizer mais nada.

— Ela está doente — observou meu irmão. — Quando cheguei lá, ouvi as pessoas dizerem que não estava em condições de sair.

Não respondi. Eu simpatizara com a tlic. Agora, não queria conversar com ninguém. Esperei que ele entrasse — quando mais não fosse, por curiosidade.

— Finalmente, descobriu mais do que queria saber, não é?

Fiquei olhando para ele.

— Não olhe para mim como se fosse ela — disse meu irmão. — Você não é ela, e sim apenas um dos seus pertences.

Como se fosse ela. Será que eu assimilara até mesmo sua maneira de olhar?

— O que você fez, vomitou? — disse, aspirando o ar. — Agora você sabe o que o espera.

Afastei-me dele. Nós dois tínhamos sido muito unidos quando crianças. Ele me deixava segui-lo quando eu estava em casa, e às vezes T’Gatoi me deixava levá-lo quando íamos à cidade. Quando atingimos a adolescência, porém, alguma coisa aconteceu. Nunca descobri o quê. Ele começou a se afastar de T’Gatoi. Depois, tentou fugir, até perceber que não havia como fugir. Não da Reserva. Depois disso, dedicou-se a comer o máximo possível de qualquer ovo que aparecesse na casa, e a cuidar de mim de uma forma que me deixava furioso — como se me dissesse que enquanto eu estivesse bem, ele não teria nada a temer dos tlics.

— Como foi, na verdade? — perguntou, seguindo-me.

— Matei um aichti. As larvas o comeram.

— Você não saiu de casa para vomitar porque matou um aichti.

— Eu nunca... nunca vira uma pessoa ser aberta.

Isso era verdade, e ele não precisava saber mais. Eu não podia falar sobre a outra razão. Não com ele.

— Oh! — exclamou. Olhou para mim como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas não disse mais nada.

Caminhamos juntos, sem destino. Em direção aos fundos da casa, em direção às gaiolas, em direção aos campos.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou Qui. — Lomas, quero dizer.

Quem mais poderia ser?

— Ele disse “TKhotgif”.

Qui estremeceu.

— Se ela tivesse feito isso comigo, seria a última pessoa que eu chamaria.

— Você chamaria por ela. A ferroada dela faria sua dor passar sem matar as larvas.

— Acha que eu estaria ligando para as larvas? Não. Claro que não.

— Droga! — Ele respirou fundo. — Já vi o que elas fazem. Pensa que isso que aconteceu com Lomas foi ruim? Você não viu nada.

Não protestei. Ele não sabia do que estava falando.

— Eu vi as larvas comerem um homem — declarou.

Virei-me para encará-lo nos olhos.

— Está mentindo!

— Eu vi as larvas comerem um homem — insistiu. — Aconteceu quando eu era pequeno. Tinha ido à casa de Hartmund e estava voltando para casa. No meio do caminho, vi um homem e uma tlic, e o homem estava n’ tlic. O terreno era acidentado. Consegui me esconder e observá-los sem ser visto. A tlic não queria abrir o homem porque não tinha nada para alimentar as larvas. O homem não agüentava mais andar e não havia casas por perto. Estava sofrendo tanto que pediu à tlic para matá-lo. Suplicou que o matasse. Finalmente, ela concordou. Cortou-lhe a garganta com as garras. Vi as larvas aparecerem na superfície e depois entrarem de novo, ainda comendo a carne dele.

Suas palavras me fizeram ver de novo a carne de Lomas, pulsando com o movimento no interior.

— Por que nunca me contou? — sussurrei.

Ele pareceu surpreso, como se tivesse esquecido que eu estava escutando.

— Não sei.

— Foi depois disso que você tentou fugir, não foi?

— Foi. Que bobagem! Tentar fugir dentro da Reserva. Tentar fugir dentro de uma jaula.

Sacudí a cabeça e disse o que devia ter dito a ele havia muito tempo.

— Ela não escolheu você, Qui. Não precisa se preocupar.

— Ela escolheria... se alguma coisa acontecesse com você.

— Não. Ela escolheria Xuan Hoa. Hoa... está de acordo. Ela não estaria se tivesse ficado para observar Lomas.

— Eles não querem mulheres — disse ele, com um muxoxo.

— Isso não é verdade. — Olhei para ele de soslaio. — Na verdade, preferem mulheres. Devia ouvir o que dizem entre eles. Dizem que as mulheres têm mais gordura para proteger as larvas. Em geral, porém, escolhem os

homens e reservam as mulheres para procriar.

— Para gerar a próxima geração de hospedeiros — disse ele, com amargura.

— É mais do que isso! — protestei. Seria?

— Se fosse acontecer comigo, eu gostaria de acreditar, também, que há mais alguma coisa.

— Mas é verdade! — Eu me senti como uma criança. Uma discussão estúpida.

— Você pensou assim enquanto T’Gatoi estava tirando minhocas das entranhas daquele sujeito?

— Não era para ter acontecido daquele jeito.

— Claro que não. Você não devia ter presenciado a cena, isso é tudo. E quem devia ter feito a operação era a tlic dele. Ela o picaria até ele ficar inconsciente e a extração não seria tão dolorosa. Mas assim mesmo ela o abriria, pegaria as larvas, e se deixasse de remover uma que fosse, ela o envenenaria e o comeria de dentro para fora.

Houve uma época em que minha mãe me disse para respeitar Qui porque ele era meu irmão mais velho. Afastei-me, odiando-o por dentro. Na verdade, o que estava fazendo era vangloriar-se. Ele estava a salvo, mas eu, não. Tive vontade de bater nele, mas não achei que pudesse agüentar quando ele se recusasse a reagir, quando olhasse para mim com desprezo e piedade.

Ele não queria me deixar em paz. Como tinha pernas mais compridas, passou a minha frente e deu a impressão de que eu o estava seguindo.

— Desculpe — disse.

Continuei a andar, furioso.

— Escute, talvez com você não seja tão ruim. T’Gatoi gosta de você. Ela vai tomar cuidado.

Comecei a andar na direção da casa, quase correndo.

— Ela já começou? — perguntou ele, acompanhando-me com facilidade. — Você já deve estar na idade certa para o implante. Ela já...

Dei-lhe um soco. Eu não sabia que ia agredi-lo, mas naquele momento tive vontade de matá-lo. Se não fosse maior e mais forte do que eu, acho que teria batido até acabar com ele.

A princípio, tentou apenas se defender, mas no final teve de revidar os golpes. Só me atingiu umas duas ou três vezes. Foi mais que suficiente. Não me lembro de mais nada; quando voltei a mim, ele não estava mais lá. Valera a pena, para me ver livre dele.

Levantei-me e caminhei lentamente em direção à casa. Os fundos es-

tavam às escuras. Não havia ninguém na cozinha. Minha mãe e minhas irmãs estavam dormindo nos quartos... ou pelo menos fingiam dormir.

Quando entrei na cozinha, ouvi vozes, de tlics e terráqueos, no aposento ao lado. Não dava para entender o que diziam, nem eu fazia questão de entender.

Sentei-me à mesa da minha mãe, esperando que se calassem. A mesa era lisa e antiga, pesada e bem trabalhada. Meu pai a fizera para ela pouco antes de morrer. Lembrei-me de que ficava olhando enquanto ele trabalhava. Meu pai não se importava. Agora eu estava ali sentado, com saudade do meu pai. Gostaria de falar com ele. Fizera aquilo três vezes em sua longa vida. Três ninhadas de ovos, três vezes aberto e costurado de volta. Como conseguira suportar? Como é que alguém conseguia suportar?

Levantei-me, peguei o rifle no seu esconderijo e sentei-me de novo com o rifle na mão. Precisava ser limpo, lubrificado.

Tudo que fiz foi carregá-lo.

— Gan?

Ela fez uma série de estalidos enquanto caminhava no chão duro, os membros tocando o piso em rápida sucessão. Ondas de pequenos estalidos.

Aproximou-se da mesa, levantou a parte dianteira do corpo e subiu na mesa. Às vezes se movia com tanta suavidade que parecia fluir como a água. Enroscou-se no meio da mesa e olhou para mim.

— Aquilo foi errado — disse, baixinho. — Você não devia ter visto. Não precisava ser assim.

— Eu sei.

— T’Khotgif... Ch’Khotgif, agora... está sofrendo de uma doença fatal. Não vai poder criar os filhos. Mas a irmã cuidará deles, e de Bram Lomas.

A irmã estéril. Havia apenas uma fêmea fértil em cada ninhada. Uma só, para perpetuar a família. Aquela irmã devia a Lomas mais do que jamais poderia pagar.

— Ele vai sobreviver, então?

— Vai.

— Imagino se ele concordaria em passar por isso de novo.

— Ninguém vai lhe pedir que passe por isso de novo.

Encarei aqueles olhos amarelos, imaginando o quanto eu era capaz de ver e compreender neles, e o quanto apenas imaginava.

— Ninguém nos perguntou — disse a T’Gatoi. — Você não me perguntou.

Ela moveu ligeiramente a cabeça.

— Que é isso no seu rosto?

— Nada. Nada importante. — Olhos humanos provavelmente não teriam notado o machucado na escuridão. A única luz era a de uma das luas, entrando pela janela que ficava do outro lado do aposento.

— Você usou o rifle para matar o ahti?

— Usei.

— E pretende usá-lo para me matar?

Olhei para aquela silhueta, recortada contra o luar. Um corpo gracioso.

— Que acha do gosto do sangue dos terráqueos?

Ela não disse nada.

— Quem é você? — murmurei. — O que representamos nós para você?

Ela ficou muito quieta, com a cabeça apoiada no segmento superior.

— Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa — disse, baixinho. — Deve saber.

— Foi isso que aconteceu com o meu rosto — expliquei.

— O quê?

— Qui me desafiou a tomar uma decisão. O resultado não foi dos melhores.

Movi ligeiramente o rifle, levantando o cano em diagonal sob o meu queixo.

— Pelo menos, foi uma decisão que tomei.

— Como esta que vai tomar.

— Pode me perguntar, Gatoi.

— Pela vida dos meus filhos?

Sabia que diria alguma coisa assim. Ela sabia manipular as pessoas, fossem terráqueos ou tlics. Desta vez, porém, não teria sucesso.

— Não quero ser um hospedeiro — declarei. — Nem mesmo para você.

Ela levou muito tempo para responder.

— Atualmente, quase não usamos animais — observou. — Você sabe disso.

— Em vez disso, vocês nos usam.

— Verdade. Esperamos muitos anos por vocês. Ensinamos vocês, juntamos nossas famílias às de vocês. — Ela se agitou, inquieta. — Sabe que para nós vocês não são animais.

Fiquei olhando para ela, sem dizer nada.

— Os animais que costumávamos usar começaram a matar a maioria

dos nossos ovos depois da implantação muito antes da chegada dos terráqueos — disse T’Gatoi. — Você sabe disso, Gan. Graças à chegada da sua raça, estamos aprendendo de novo o que é ser um povo próspero e saudável. E seus ancestrais, fugindo do seu planeta natal, de membros da sua própria espécie que queriam matá-los ou escravizá-los — eles sobreviveram graças a nós. Tratamos eles como pessoas e lhes oferecemos a Reserva quando ainda tentavam matar-nos como se fôssemos vermes.

A palavra “vermes” me fez estremecer. Não pude evitar, e ela não pôde deixar de notar.

— Está bem — disse. — Você realmente prefere morrer a me ajudar a ter filhos, Gan?

Não respondi.

— Vamos perguntar a Xuan Hoa?

— Vamos!

Hoa diria que sim. Ela não vira o que acontecera com Lomas. Ficaria orgulhosa... não assustada, como eu. T’Gatoi desceu da mesa.

— Vou dormir hoje à noite no quarto de Hoa — disse. — Hoje mesmo, ou amanhã de manhã, direi a ela.

Aquilo estava indo depressa demais. Minha irmã. Hoa ajudara minha mãe a me criar. Eu ainda me sentia muito unido a ela. Não era como com Qui. Ela podia querer T’Gatoi e ainda gostar de mim.

— Espere! Gatoi!

Ela olhou para trás. Depois, levantou metade do corpo e voltou-se para me encarar.

— Este assunto é muito sério, Gan. Trata-se da minha vida, da minha família!

— Mas ela é... minha irmã.

— Fiz o que você queria. Perguntei a você!

— Mas...

— Será mais fácil para Hoa. Ela sempre teve vontade de gerar outras vidas.

Vidas humanas. Pequenos seres humanos que se alimentariam nos seus seios, e não em suas veias. Sacudi a cabeça.

— Não faça isso com ela, Gatoi.

Eu não era Qui. Parecia que eu poderia tornar-me como ele, porém sem nenhum esforço. Poderia fazer de Xuan Hoa minha defesa. Seria mais fácil saber que vermes vermelhos estavam crescendo na sua carne em vez da minha?

— Não faça isso com Hoa — repeti.

Ela olhou para mim, mas não disse nada. Desviei os olhos. Depois, olhei de novo para ela

— Faça comigo.

Baixei o rifle da minha garganta e ela se inclinou para pegá-lo.

— Não — disse eu.

— É a lei.

— Deixe para nossa família. Um de nós pode ter de usá-lo um dia para salvar uma vida.

Ela segurou o rifle pelo cano, mas me recusei a largá-lo. Ela puxou e fui forçado a me levantar.

— Deixe-o aqui! — insisti. — Se não somos animais, se nos considera como pessoas, aceite o risco. Existem sempre riscos, Gatoí, quando se lida com um parceiro.

Não era fácil para ela largar o rifle. Seu corpo estremeceu e ela deixou escapar um som sibilante de desagrado. Ocorreu-me que T’Gatoí podia estar com medo. Tinha idade suficiente para saber de que uma arma de fogo era capaz. Agora, seus filhos e aquela arma estariam juntos na mesma casa. Ela não sabia das outras armas. Naquela discussão, isso não interessava.

— Vou implantar seu primeiro ovo hoje à noite — disse ela, enquanto eu guardava o rifle. — Está me ouvindo, Gan?

Por que outra razão eu recebera um ovo inteiro para comer enquanto o resto da minha família tivera de dividir o outro? Por que outra razão minha mãe olhara para mim como seu eu estivesse prestes a abandoná-la para sempre? Será que T’Gatoí imaginava que eu não soubesse?

— Estou ouvindo.

— Agora! — Deixei que me empurrasse para fora da cozinha, depois caminhei à frente dela para o meu quarto. A súbita urgência em sua voz parecia real.

— Você teria feito isso com Hoa esta noite! — exclamei, em tom acusador.

— Precisava fazer isso com alguém esta noite. Parei e fiquei na frente dela.

— Não se importa com quem?

Ela se desviou de mim e entrou no quarto. Encontrei-a à espera, no sofá que compartilhávamos. Não havia nada parecido no quarto de Hoa; ela teria de trabalhar no chão. A idéia de T’Gatoí fazendo aquilo com Hoa me perturbava agora de uma forma diferente, o que me deixou subitamente irritado.

Mesmo assim, tirei a roupa e deitei-me ao lado dela. Sabia o que fazer, o que esperar. Ouvira falar daquilo durante toda a minha vida. Senti a picada familiar, narcótica, vagamente agradável. Depois, o contato do ovopositor. A penetração foi quase indolor. Ela ondulou levemente contra mim, os músculos empurrando o ovo do seu corpo para o meu. Segurei-me em um par de membros até me lembrar que Lomas agira da mesma forma. Ela deu um grito de dor, e esperei que me envolvesse em seus membros. Como isso não aconteceu, agarrei-me a ela de novo, sentindo-me estranhamente envergonhado.

— Sinto muito — murmurei.

Ela esfregou meus ombros com quatro dos seus membros.

— Você se importa? Você se importa que seja comigo?

Ela demorou algum tempo para responder. Finalmente, disse:

— Foi você que fez uma escolha hoje à noite, Gan. Eu fiz a minha há muito tempo.

— Você teria procurado Hoa?

— Sim. Como poderia confiar meus filhos a alguém que os odiasse?

— Não era... ódio.

— Eu sei o que era.

— Eu estava com medo.

Silêncio.

— Ainda estou. — Agora, podia admitir.

— Mas mesmo assim concordou... para salvar Hoa.

— É verdade. — Apoiei a testa no seu ventre. Era macio como veludo. — E para tê-la para mim. — Estava sendo sincero. Não compreendia, mas estava sendo sincero.

Ela fez um murmúrio de satisfação.

— Não podia acreditar que tivesse me enganado com você — disse. — Escolhi você. Tinha certeza de que gostava de mim.

— E gosto, mas...

— Lomas.

— Sim.

— Nunca vi um terráqueo assistir a um nascimento e reagir de outra forma. Qui já assistiu a um, não é?

— É verdade.

— Os terráqueos deviam ser protegidos desta visão. Não gostei da idéia... e não achava que fosse viável.

— Pelo contrário — protestei. — Deveriam ser expostos a esta visão, desde crianças, várias vezes. Gatoi, nenhum terráqueo jamais assiste a um

nascimento normal. Tudo que vêem são n'tlics... — medo, terror e possivelmente morte.

Ela olhou para mim com ar reprovador.

— É uma coisa íntima. Sempre foi.

Seu tom impediu que eu insistisse. Isso e o conhecimento de que, se mudasse de idéia, eu poderia ser o primeiro exemplo público. Mas eu plantara a idéia na sua mente. Era provável que crescesse, e que um dia ela resolvesse experimentar.

— Você não vai ver isso de novo — assegurou-me. — Não quero que volte a pensar em me matar.

A pequena quantidade de fluido que penetrara em mim junto com o ovo me deixara tão relaxado como se houvesse comido um ovo estéril, de modo que pude me recordar do rifle em minhas mãos e minhas sensações de medo, repulsa, ódio e desespero. Pude lembrar-me das sensações sem revivê-las. Pude conversar sobre elas.

— Não poderia atirar em você. De jeito nenhum.

Ela fora tirada da carne do meu pai quando tinha a minha idade.

— Teria, sim — insistiu.

— Não, em você, não.

Ela era uma ponte entre nós e sua própria raça, protegendo-nos, combinando-nos.

— Teria se matado?

Respondi de forma hesitante, pouco à vontade.

— Talvez. Quase fiz isso. É a “fuga” de Qui, só que ele não sabe.

— O quê?

Não respondi.

— Agora, você vai viver.

— Vou.

Tome conta dela, costumava dizer minha mãe.

— Sou jovem e saudável — disse ela. — Não vou deixar você como Lomas foi deixado: sozinho, n'tlic. Vou tomar conta de você.